

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



## “Um preto pobre vai preferir trabalho ou estudos?”: apontamentos sobre o abandono escolar de estudantes negros da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Bahia Vanessa de Souza Lemos<sup>\*1</sup>, Mileia Santos Almeida<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade do Estado da Bahia, <sup>2</sup>Secretaria de Educação do Estado da Bahia

\* [vanessalemos.educacao@gmail.com](mailto:vanessalemos.educacao@gmail.com)

Trabalhos completos – GT 01 – Etnicidade, Memória e Educação

### RESUMO

Este estudo propõe uma reflexão inicial sobre os desafios enfrentados pelos estudantes negros e suas motivações para o abandono da escola no segundo ciclo do Ensino Fundamental, a partir da análise dos impactos causados pelas construções culturais em torno das masculinidades negras. O objetivo geral da pesquisa foi analisar o processo de abandono escolar de estudantes negros do Ensino Fundamental II da Educação de Jovens e Adultos em uma escola da Rede Estadual de Educação da Bahia na perspectiva de gênero e raça. A metodologia aplicada possui uma abordagem qualitativa para o estudo de caso, usando como técnicas a observação participante, os registros do diário de campo e o uso de entrevistas informais sob o formato de conversas de caráter exploratório e dialogado. Por meio dessa análise, foram levantadas algumas discussões que envolvem o impacto de categorias como trabalho, paternidade/família, sexualidade e afetos nas experiências escolares e de abandono escolar dos jovens negros.

**Palavras chave:** Gênero. Raça. Masculinidades.

### Introdução

Neste artigo, se discute o processo de abandono escolar de jovens negros no Ensino Fundamental II, a partir de uma perspectiva relacional de gênero e raça das experiências de estudantes que retornaram ao espaço escolar. A pesquisa foi realizada em uma unidade escolar da Rede Estadual de Educação da Bahia localizada em uma das regiões periféricas com grande expressividade da população negra na capital baiana: Cajazeiras. Os colaboradores foram estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que já se afastaram da escola, mas que após alguns anos retornaram aos estudos.

Dados divulgados pelo Instituto Unibanco (2019), com base no censo escolar de 2018, apontam que, no percurso do segundo ciclo do Fundamental II ao último ano do Ensino Médio, apenas 56% dos estudantes conseguem concluir sem atrasos ou evasão e que deste total menos da metade são meninos. Vale ressaltar que essa

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16A20  
NOVEMBRO  
DE 2024



era uma realidade anterior ao contexto da pandemia de COVID-19, cujo impacto afetou diretamente a Educação em todo o país.

E os dados mais recentes, pós pandemia, com base em publicação do Instituto Brasileiro Geografia e Estatística, trazem que “9 milhões de pessoas, entre 14 e 29 anos, não terminaram o Ensino Médio em 2023” (FGV EBAPE, 2024). A pesquisa “Juventude fora da escola”, do Itaú Educação em parceria com o Instituto Data Folha e a Fundação Roberto Marinho, acrescentou, após ouvir 1,6 mil jovens, que sete em cada 10 jovens fora da escola são negros e que para retornar aos estudos 35% do total recorrem a EJA (Revista Educação, 2024).

Os números convocam a pensar na realidade da juventude brasileira da classe trabalhadora que está fora da escola, que tem gênero e principalmente cor. Quais as razões da reprovação escolar? Que fatores contribuem para o aumento da distorção idade-série? Quais os motivos que os fizeram abandonar a escola? Quais estímulos para retornar à escolarização na modalidade EJA? Qual a contribuição da Escola no percurso desses jovens? São diversos questionamentos que direcionam caminhos de investigação.

As experiências de jovens negros que abandonaram o processo de escolarização nos anos finais do Ensino Fundamental e hoje frequentam a Educação de Jovens e Adultos de uma escola da Rede Estadual de Educação da Bahia nos permitem conhecer dinâmicas socioculturais que extrapolam os limites dessa proposta. Mas, procuraremos visibilizar as suas percepções sobre os entraves para sua formação a partir das suas vivências enquanto produtoras de saberes.

## Método

O processo metodológico se guiou pelo objetivo de analisar as questões de abandono escolar dos jovens negros com o aprofundamento possível dentro dos limites da pesquisa. Assim, o procedimento foi inspirado no estudo de caso (Yin, 2015) com abordagem qualitativa a partir do uso das técnicas de observação participante e diálogos com os colaboradores da pesquisa por meio de entrevistas informais. Essa última técnica se tornou adequada após perceber que o

# XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



questionário não era viável, pois pareceu distante da realidade dos participantes, além de não captar as subjetividades necessárias para nossa interpretação.

A escola *lócus* da pesquisa, está situada em um bairro periférico de Salvador/Bahia, dentro da região de Cajazeiras, oferta ensino regular básico nos turnos matutino e vespertino, nos níveis de Ensino Fundamental II e Médio, e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Tempo Formativo) no noturno.

Os diálogos foram efetivamente realizados no mês de agosto do ano de 2024 e escutou cinco participantes dentro dos critérios de inclusão: estudante do Fundamental II, homem e negro. Todos os estudantes colaboradores se autodeclararam negros, se aproximavam da definição de juventude com as idades 19, 21, 28, 29 e 30 anos; eram moradores da região de Cajazeiras; nenhum possuía trabalho com vínculo formal; três moravam sozinhos e dois com uma companheira. Os diálogos foram permeados pelas indagações (roteiro) que identificavam a época em que ocorreu e as circunstâncias para o abandono escolar, assim como as motivações de retorno a escola, as respostas definiram os eixos de análise. Portanto, considera-se assim que o estudo possui um caráter qualitativo, que buscou evidenciar as percepções dos jovens negros estudantes da EJA sobre suas próprias vivências, desafios, relações, frustrações e expectativas de futuro.

## Resultados e discussões

De antemão, é importante ressaltar que para preservar a identificação dos estudantes, seus nomes foram substituídos por nomes de um dos 14 (dezesete) bairros que compõem a região de Cajazeiras, onde está situada a escola e a moradia dos colaboradores. O quadro a seguir apresenta a sistematização dos nomes com as informações de cada estudante, bem como as informações sobre trabalho, e motivações para abandono e retorno à escola. Durante os diálogos com os cinco estudantes negros da EJA houve a repetição de alguns termos em suas falas, os quais nos direcionaram para três eixos de análise: o trabalho como um determinante nas escolhas que interfere na relação com a escola; violências

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



de gênero que acontecem dentro da escola pela própria comunidade; e as relações afetivas que permeiam dores e acolhimento na trajetória escolar.

NOME	IDADE	VÍNCULO PROFISSIONAL/ FUNÇÃO	ABANDONO ESCOLAR	RETORNO A ESCOLA
Cajazeiras 2	19 anos	Informal – Vendedor em loja	Perda do pai	Incentivo da namorada
Cajazeiras 4	21 anos	Informal – Serviços Gerais em eventos	Violência paterna	Trabalho
Cajazeiras 6	28 anos	Informal – Vendedor ambulante	Homofobia	Trabalho
Cajazeiras 8	29 anos	Informal – Motorista de carga	Trabalho	Trabalho
Cajazeiras 10	30 anos	Informal – Vendedor em loja	Intolerância religiosa	Incentivo da esposa

Fonte: elaborado pela autora.

## **Trabalho ou estudos?**

Henrique Restier da Costa Souza (2022) realiza algumas provocações quanto ao número expressivo de pesquisas com enfoque em mulheres ao abordar gênero. O autor afirma que essa categoria se tornou um sinônimo de mulher ou feminino, reduzindo ou ignorando o gênero masculino. Outro ponto que ele infere é que o masculino é lido socialmente como privilegiado ainda que atravessado pelo marcador de raça, o que precisa ser problematizado quando se trata de homens racialmente discriminados.

Em contraposição a feminização das pesquisas que envolvem gênero e educação, as informações do Censo Escolar entre 2010 e 2016, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), apresentam dados em que, hierarquicamente, os meninos negros assumem a base da pirâmide dos indicadores escolares, perdendo, em ordem sequencial para meninas negras, meninos brancos e meninas brancas. A intersecção entre raça e gênero é uma ferramenta analítica de estudo relevante para compreender esse índice e situar a alternância de homens e mulheres negras na base da pirâmide social mediante o indicador estudado. Assim, o jovem negro encontra-se na camada mais baixa da pirâmide no que se refere ao processo de escolarização.

Lélia Gonzalez (2020) já sinalizava, há quase quarenta anos, que desde cedo, o jovem negro precisava auxiliar à sua família na sobrevivência e que essa é uma das razões pela qual ele mal consegue concluir o primeiro grau (hoje, Ensino

# XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16A20  
NOVEMBRO  
DE 2024



Fundamental). E reforço que, após décadas dessa análise, através da minha trajetória, que há uma dificuldade desses jovens ingressarem no Ensino Médio.

Não foi diferente com o jovem Cajazeiras 8. Irmão mais velho de quatro filhos de uma mãe solteira, precisou priorizar o trabalho por volta dos seus 14 anos. Relata que buscou transferência para EJA aos 16 anos, mas ainda assim o horário de trabalho não o permitiu se manter com frequência regular e interrompeu os estudos no 8º ano do Ensino Fundamental. Foram várias tentativas de retorno, mas a responsabilidade paterna assumida ainda adolescente prevaleceu, o que indica uma atribuição das tarefas de cuidado aos homens e meninos racializados.

É o que disse o jovem Cajazeiras 6 “um preto e pobre vai preferir o quê? Trabalho ou estudos? [...] A barriga dói”. Responsáveis na juventude por auxiliar ou prover o próprio abastecimento alimentar da família, o jovem negro tem o trabalho como necessidade básica de sobrevivência em detrimento dos estudos, o que não lhe oferece um retorno imediato.

Por outro lado, após alguns anos de afastamento da escola, é também o trabalho que estimula o retorno dos estudantes negros, através da EJA. Três dos cinco colaboradores afirmaram que retornaram aos estudos devido a necessidade de qualificação para o trabalho. Todos os estudantes que participaram da pesquisa através dos diálogos não possuem um vínculo empregatício formal e todos afirmaram, ainda que com motivações diferentes, reconhecer a necessidade dos estudos para alcançar ascensão profissional e econômica. Cajazeiras 8 relatou a sua expectativa de estudar para ser um servidor público. Ele diz: “eu gosto de conhecimento, eu não gosto é de ter que forçar a mente para ter esse conhecimento”. Sua fala demonstra o interesse em aprender, mas há uma dificuldade em se adaptar ao modelo de ensino e aprendizagem oferecido.

## **Violência de raça e gênero dentro da escola**

O segundo ponto de análise a partir das contribuições dos estudantes colaboradores é a violência de gênero e raça no ambiente escolar como elemento preponderante para a interrupção dos estudos. O estudante Cajazeiras

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



10 informou durante o diálogo que o principal motivo do seu afastamento da escola foi a abordagem de uma professora que proferia em sala de aula seu incômodo, direta ou indiretamente. O jovem de religião de matriz africana, matriculado na 5ª série (atual 6º ano do Ensino Fundamental), no turno diurno, escutava da sua professora que a sua religião era de origem “satânica” com o apoio de citações bíblicas. O estudante relatou que registrou queixas na gestão escolar, mas que não houve mudança no decorrer do ano letivo.

É importante considerar aqui também que a intolerância religiosa com relação às religiões de matriz africana tem como base o racismo religioso<sup>1</sup>. Historicamente, religiões como o Candomblé e a Umbanda foram proibidas e perseguidas no Brasil, inclusive por agentes do poder judiciário e policial, tendo em vista sua origem a partir dos homens e mulheres africanos e afro-brasileiros escravizados desde a colonização. Essa discriminação no cotidiano escolar foi naturalizada através da permanência de uma concepção cristã de sociedade em nossas instituições.

É válido ressaltar que a autodeclaração racial que compõe o reconhecimento das identidades dos sujeitos entrevistados enquanto jovens negros não é algo inato e/ou imediato, sobretudo, em um país onde um projeto racista de embranquecimento da população e da cultura subalternizou e inferiorizou qualquer traço de africanidade que demarcasse uma origem negra. Como reflete Neusa de Souza Santos, “ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro” (1983, p. 77). Essa consciência racial é assim despertada pelas vivências nem sempre positivas desses jovens, mas também ao experimentar elementos da cultura negra em seu cotidiano, como é o caso das religiões afro-brasileiras.

Por sua vez, o estudante Cajazeiras 6, jovem negro homoafetivo, abandonou a escola aos 14 anos por não suportar mais as violências verbais de homofobia dos seus colegas quanto a sua sexualidade. Esse fato caracteriza uma violência de

<sup>1</sup> Como apontam Luiz Rufino e Marina Miranda, a noção de racismo religioso informa que as “violências sofridas por determinadas culturas e comunidades são encarriladas por uma engenharia de dominação/subordinação que tem a raça/racismo/colonialismo como matrizes/motriz de desenvolvimento do mundo moderno”. (2019, p. 230)

# XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



gênero pela pressuposição da heteronormatividade na comunidade escolar entre os estudantes, uma lógica reproduzida pela construção social de masculinidade: a masculinidade hegemônica, discutida por Raewyn Connell, como branca, heterossexual e de classe abastarda. Cajazeiras 6 é um jovem que passou sua infância e adolescência em um abrigo para crianças e o contato com sua família era através de visitas. Uma trajetória de vida atravessada por desafios com as instituições Família e Escola.

Em relação a presença do que podemos denominar de heterossexualidade compulsória ou heteronormatividade na escola, é preciso considerar que esse espaço reproduz normas, formas de organização, valores, vocabulários e relações de poder que estabelecem a manutenção de uma ordem sexual e de gênero. Aqueles que destoam ou divergem dessa normatização, são alvo de controle, vigilância e punição. Na chamada “pedagogia do armário”, definida por Rogério Junqueira (2015), meninos são ainda mais vigiados e constrangidos a “se comportar como homem”, visto que em relações entre homens não são bem aceitas expressões de afeto, de toque corporal e de sensibilidade, ao contrário das relações entre mulheres. Nesse sentido, meninos negros, já alvo de desumanização pelo racismo, se veem estigmatizados diante da invalidação de sua sexualidade.

## **Relações afetivas e a relação com a escola**

O terceiro ponto de análise são as relações afetivas na trajetória de vida dos jovens negros que produzem interferências nas suas decisões de afastamento ou reaproximação com a escola. A relação paterna apresentou uma grande predominância nos diálogos. O jovem Cajazeiras 4 relatou de uma forma inesperada, durante a conversa informal, o seu sentimento de dor na relação com seu pai. Ele comentou “se eu errasse uma... (se referindo às atividades escolares), era motivo de me bater [...] Minha nota era alta”. A violência física através do seu pai marcou sua trajetória escolar e contribuiu para a decisão de abandonar a escola. Ele ainda acrescentou “eu apanhei para virar homem [...] por isso comecei a aprontar mesmo”. O jovem Cajazeiras 4 indicou que seu comportamento no

# XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



espaço escolar era consequência das agressões físicas impetradas pelo pai. Seu relato nos revela o impacto que a reprodução naturalizada do ciclo da violência nas famílias produz nas trajetórias escolares desses jovens.

O estudante declarou que morava sozinho, afastado da sua família por opção diante da realidade de violência doméstica, sobretudo, porque seu pai agredia também sua mãe que tentava protegê-lo em algumas circunstâncias, mas sem sucesso. Ele disse: “minha mãe ia para cima dele para ele não tocar em mim”. Desempregado, só com trabalhos esporádicos de serviços gerais, ele comentou que retornou à escola para melhorar sua condição de trabalho, mas que não sente mais vontade de estar presente nesse espaço. No entanto, mencionou que tinha bons desempenhos escolares em todos os componentes curriculares.

Também motivado pelo relacionamento paterno, Cajazeiras 2 se afastou da escola, por questões de natureza afetiva. Ele perdeu o pai que o criou e gerou uma situação de luto que contribuiu para sua decisão de abandono escolar. Outro fator que endossou sua escolha foi a convivência com uma prima materna que também era professora e os dois papéis se confundiam, na concepção do estudante, dentro da sala de aula. Ele alegou que a professora/prima além de relatar as suas atitudes para a sua mãe, priorizava seus próprios filhos que também eram alunos. As relações afetivas que envolveram a figura paterna conduziram os dois jovens supracitados no caminho da evasão escolar. Em contrapartida, existem vínculos afetivos que influenciaram o retorno dos estudantes à comunidade escolar. Cajazeiras 10, que havia se afastado da escola diante de situações de intolerância religiosa, narrou que a sua esposa o estimulou a retornar aos estudos na mesma escola em que ela estuda, com o argumento de que o ambiente era respeitoso com as religiões de matriz africana, pois havia a presença de muitos professores adeptos da mesma vertente religiosa.

O mesmo aconteceu com o jovem Cajazeiras 2. Com as suas palavras: “minha namorada me arrastou [...] ela quer que eu faça curso com ela de Administração”. A sua companheira o motivou ao retorno dos estudos com a justificativa de acompanhá-la em curso preparatório, mas indicou que havia a necessidade de

# XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



concluir a Educação Básica. A presença das mulheres com vínculos familiares ou afetivos no percurso da vida dos jovens negros é marcada por cuidado, direcionamento e acolhida, seja mãe, esposa ou namorada. É necessário problematizar o papel de cuidado que culturalmente as mulheres assumem, inclusive diante de homens adultos com os quais desenvolvem relacionamentos sexo-afetivos. Mulheres negras, sobretudo, aprenderam desde cedo a cuidar e não a serem cuidadas. Todavia, como pontua bell hooks (2000), o amor (o afeto) foi um dos direitos usurpados do povo negro no processo colonial, e se tornou um instrumento de resistência e sobrevivência necessário.

## Conclusões

Assim como a pedagoga e intelectual afro-estadunidense bell hooks se inspira nos seus afetos, na escrita da obra "A gente é da hora: homens negros e masculinidades", a pesquisadora deste trabalho se inquietou com a temática masculinidades negras a partir dos relacionamentos afetivos com seu pai, amigos e parceiros negros, mas principalmente por meio dos estudantes que teve contato durante sua experiência como coordenadora pedagógica. A relação de acolhimento através da escuta ativa durante o cotidiano pedagógico permitiu perceber que existiam elementos que os afastaram da escola, mas não havia possibilidade de indagá-los após a sua evasão. Inquietação latente que retornou como pesquisa e obteve algumas pistas a partir da sua observação e do diálogo com cinco colaboradores que abrem precedente para novas pesquisas.

Nestas linhas, novas motivações para a evasão escolar se revelaram, desde as discriminações interseccionais de gênero, raça, sexualidade e religião, até a dinâmica das relações familiares, sobretudo, a presença paterna, o luto e as relações no ambiente escolar. Espera-se com esta pesquisa provocar reflexões que mobilizem políticas públicas com a finalidade de reduzir as disparidades educacionais no ensino regular e na modalidade EJA, com foco em gênero e raça. É preciso lembrar também que existem muitos jovens negros que não tiveram a oportunidade de retornar a EJA, pois não lhes foi garantido o direito mais básico e

# XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



essencial: a vida. Até a escrita dos últimos parágrafos deste texto, a escola lócus da pesquisa sofreu a perda de sete jovens estudantes vítimas de homicídio. Dentre eles, dois estavam evadidos, dois estavam matriculados na EJA e três eram estudantes do turno regular. A esses jovens que já não podem realizar seus sonhos, e aqueles jovens negros que ainda ousam sonhar, é dedicada essa pesquisa.

## Referências

FGV EBAPE. **Pesquisa do IBGE revela que 9 milhões de pessoas entre 14 e 29 anos não terminaram o Ensino Médio.** <https://ebape.fgv.br/noticias/pesquisa-ibge-revela-que-9-milhoes-pessoas-entre-14-29-anos-nao-terminaram-ensino-medio>.

GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra. In: **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. (orgs). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn, C. (orgs.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe.** Rio de Janeiro, Pallas – Criola, p. 188-198, 2000.

INSTITUTO UNIBANCO. **“Evasão maior entre meninos requer atenção”.** N. 56. out. 2019.  
<https://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-em-foco/56/>.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Temos um problema em nossa escola: um garoto afeminado demais. *Pedagogia do armário e currículo em ação.* **Revista educação e políticas em debate**, v. 4, n. 2, p. 221-239, 2015.

RUFINO, Luiz; MIRANDA, Marina Santos de. Racismo religioso. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v. 10, n. 2, p. 229-242, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro** - ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, Henrique Restier da. A Trajetória Educacional da Juventude Negra Masculina: Do Fundamental à Pós-Graduação. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 37, n. 2, 2022.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Porto Alegre-RS. Bookman Editora, 2015.